



M MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

20 de Março de 2011

Fim imediato dos bombardeios do imperialismo sobre a Líbia

Com a Resolução 1.973 da ONU, a coligação imperialista iniciou os ataques a instalações militares das forças que sustentam o regime de Kadafi. A França enviou aviões caças para Benghazi, começando o bombardeio. Submarinos norte-americanos e ingleses dispararam mísseis sobre Trípoli. A TV estatal noticiou 48 mortos e 150 feridos. Iniciou-se, portanto, uma nova situação da guerra civil na Líbia.

Durante um mês, as potências pressionaram Kadafi a entregar o poder, levaram a ONU a aprovar sanções econômicas e finalmente obtiveram carta branca para agirem diretamente no conflito.

Vivemos em uma situação em que os povos oprimidos não podem resolver seus próprios conflitos sem que os Estados Unidos intervenham político e militarmente. A doutrina de que a autodeterminação e soberania das nações estão ultrapassadas pela globalização aplica-se na guerra civil líbia.

Em nome dos Direitos Humanos, do imperativo moral contra o massacre de civis e da paz mundial, as potências atuam por cima das nações sem poderio econômico e militar. Foi assim nos Balcãs, com a desintegração da ex-Iugoslávia, submetida ao processo de restauração capitalista. E tem sido assim na ocupação do Iraque e Afeganistão.

O intervencionismo militar dos Estados Unidos e dos seus comparsas ingleses, franceses, alemães, canadenses, italianos etc. vem se tornando natural. A bandeira de sangue dos Direitos Humanos do imperialismo é desfraldada com a alvura dos mísseis. É acenada como a arma de proteção aos civis ameaçados de massacre. Que então se faça a conta de quantos civis os Estados Unidos mataram no Iraque, Afeganistão ...! Uma causa justa em mãos de genocidas da humanidade. Uma causa justa nas mãos dos monopólios econômicos e financeiros.

A Líbia não se verá livre da ditadura sanguinária e obscurantista de Kadafi por meio das mãos do capital internacional.

Há muitas razões para Benghazi ter se levantado em armas contra o regime despótico e com as mãos da revolução degolá-lo. Mas uma delas é decisiva: Kadafi abandonou seu nacionalismo original, rendeu-se ao imperialismo, entregou parte das riquezas nacionais às multinacionais e desviou enormes recursos financeiros da Líbia atrasada para negócios na Europa e Estados Unidos. Ou a revolução democrática se ergue contra a ditadura e o imperialismo, ou terá olhos, bra-

ços e pernas amputados.

Mas esse fundamento não se manifesta mecanicamente. Está determinado por condições históricas. A ditadura feroz sufocou por quarenta anos as oposições, mesmo as mais próximas ao regime. Uma revolução não improvisa a direção revolucionária. É o que se constatou nos levantes da Tunísia e Egito. A revolução democrática que se livra da figura de um ditador e se estaca decompõe-se e não avança no cumprimento de uma das tarefas fundamentais, que é a da conquista da independência nacional.

Não há revolução democrática sem que o proletariado esteja em sua direção para emancipar a nação oprimida do saque imperialista, expropriando o grande capital.

O Leste da Líbia se sublevou em um movimento revolucionário, mas não obteve apoio das massas concentradas em Trípoli, centro de controle nacional do País. O Conselho governamental formado em Benghazi está sob influência de antigos homens de Kadafi. O que indica a fragilidade da revolução e seus estreitos limites. Sob o fogo das tropas de Trípoli, cresceu a posição pró-imperialista em favor da intervenção.

As potências envolveram os governos títeres árabes e africanos na cruzada em favor do intervencionismo. Obama manobrou com a bandeira de intervenção apenas com carta branca da ONU. Sarkozy tomou a frente de que havia de impor a zona de exclusão e derrotar Kadafi com as armas externas. Cameron deu retaguarda à França e ajudou a manobra de Obama. Alemanha fingiu neutralidade. As três potências unidas lançaram no dia 19 de março, quando Barack Obama se reunia, no Brasil, com Dilma Rousseff, a ofensiva militar.

O proletariado mundial e sua vanguarda têm o dever de levantar a bandeira de imediata suspensão do ataque imperialista à Líbia.

ONU, cova do imperialismo, dá carta branca às potências

Com o avanço das tropas de Kadafi sobre Benghazi, o Conselho de Segurança da ONU decidiu por 10 votos e 5 abstenções uma resolução que autoriza o imperialismo a intervir diretamente no conflito. Alemanha, Rússia, China, Índia e Brasil se abstiveram. Com a posição de aparente neutralidade, permitiram que Estados Unidos, Inglaterra e França obtivessem a “li-

cença” para impor a zona de exclusão aérea, enviar instrutores e armamentos para a Líbia. A resolução, pelo que informaram os jornais, somente não permite lançar tropas por terra. Está em andamento, portanto, o intervencionismo militar do capital internacional.

Assim que eclodiu o confronto em Benghazi, as potências usaram o sangue dos primeiros insurretos para se pronunciarem pelo intervencionismo. Medidas econômicas foram tomadas pelos Estados Unidos, seguido de seus aliados. Navios de guerra foram deslocados para a região conflagrada. Cresceram os pronunciamentos pela renúncia do ditador que, até o dia anterior ao levante, servia aos interesses da Europa e dos Estados Unidos. Armaram a campanha do humanitarismo e levantaram a bandeira dos Direitos Humanos. Tentaram aprovar na ONU a zona de exclusão. Mobilizaram a Liga Árabe e a União Africana no apoio à diretriz das potências. Reuniram a OTAN para amedrontar Kadafi. A França reconheceu como governo da Líbia o Conselho de Benghazi.

O déspota procurou negociar a rendição de Benghazi com representantes da burguesia européia. Convidou a “comunidade internacional” (imperialismo) a viajar até a Líbia e verificar in loco os acontecimentos. Incentivou uns poucos aliados que sobraram – Venezuela e Cuba – a fazerem campanha por uma mediação. Exortou o Brasil (Lula) a ajudar nas negociações com o imperialismo. Mas as posições estavam fixadas: o imperialismo acochado pelas revoluções na Tunísia e Egito, e pela inquietação generalizada das massas árabes, não podia apoiar Kadafi e Kadafi não tinha por que deixar o poder.

Se a revolução tivesse força para derrubar o regime de Kadafi, os Estados Unidos teriam as portas abertas para interferir com sua estratégia de democracia, de liberdade e reconstrução nacional. Nenhum de seus interesses impostos a Kadafi seriam afetados – principalmente os das petroleiras –, uma vez que o levante teve o seu apoio. O risco de as massas em armas rechaçarem o imperialismo? Não aceitem um novo governo fantoche? Trata-se da luta de classes, na qual a burguesia mundial está metida por inteiro. Mas o risco é calculado. O movimento revolucionário que tem por base a pequena burguesia, setores burgueses, caciques tribais e camadas exploradas não está sob uma direção marxista, comunista. A possibilidade das forças pró-imperialistas internas se valerem do movimento estava e está dada.

Diante da contra-ofensiva das forças de Kadafi e sua iminente vitória militar, o imperialismo foi obrigado a pressionar o Conselho da ONU a endossar a zona de exclusão. O imperialismo, no entanto, terá de jogar peso nos embates, como fez na guerra separatista que desintegrou a Iugoslávia.

A evolução do conflito se torna imprevisível. Kadafi acusou a medida da ONU de incentivar a divisão da Líbia. É uma possibilidade. Caso Benghazi não caia rapidamente, o imperialismo poderá intervir para garanti-la. É o que esperam membros do comando militar dos rebelados. Essa via não é a da revolução. O proletariado mundial deve rechaçar e lutar contra a intervenção do imperialismo.

Se as condições para derrubar o regime despótico pela via revolucionária não se constituíram, não é pelas armas dos colonialistas e imperialistas que elas devem se dar. Os insurretos têm a alternativa de mudar os métodos de luta – já se aventou a resistência na forma de guerrilha. Mesmo que Kadafi sobreviva a essa crise, não se recuperará de seu esgotamento histórico. A presença de um partido marxista-leninista-trotskista, caso houvesse, estaria em total contraposição ao intervencionismo e recuaria se necessário a posição de resistência. Dividir a Líbia por meio da ocupação das potências e disputar o controle das fontes de petróleo é uma medida contra-revolucionária.

O POR delimitou claramente o terreno: nenhuma revolução triunfará sob a influência do capital internacional. Nenhum governo, por mais despótico e sanguinário que seja, deve ser derubado pelas forças externas do imperialismo. No momento em que o imperialismo colocar sua máquina de guerra contra Kadafi e o levante dela depender, já não há mais movimento revolucionário. O que certamente abrirá uma cisão no seio do movimento em favor e contra. A bandeira de não intervenção tem sido fundamental e deve ser um fator de discórdia nas fileiras dos sublevados. A intervenção direta, certamente, trará novas implicações para a revolução democrática na Líbia.

Abaixo a ditadura pró-imperialista de Kadafi! Nenhuma zona de exclusão! Fora o imperialismo da guerra civil na Líbia. Viva a revolução dos líbios, pelos líbios e para os líbios!

Governo Dilma – covardia pró-imperialista

A abstenção do Brasil na votação da Resolução intervencionista foi um voto a favor. Somente o voto contra representaria a condenação da prepotência do imperialismo.

Obama fez a declaração de guerra às forças de Kadafi em solo brasileiro. A anfitriã se apequenou por debaixo do gigante Obama. Toda propaganda do governo Lula de que o Brasil se tornara independente, por sua importância econômica e por seu lugar de defesa da paz mundial, se esfumou.

O novo governo do PT/PMDB se encarregou de mostrar o contrário. A potência brasileira continua a ser uma semicolônia. Se o Brasil já era estratégico para a política de dominação norte-americana na América Latina, sua projeção econômica não fez senão recrudescer essa condição histórica. Os fracassos da diplomacia lulista frente ao conflito do Irã e no episódio do golpe em Honduras se encarregaram, por si só, de derrubar a pretensão de independência brasileira.

O início dos bombardeios a Trípoli no momento em que Obama discursava no Brasil, sob valores capitalistas da democracia e da paz, marca a foga a face do governo de Dilma. Um governo covarde e pró-imperialista!

A classe operária brasileira tem a tarefa de combatê-lo com suas reivindicações, com as bandeiras antiimperialistas e pela estratégia da revolução social.

**Fora Obama do Brasil.
Fora o imperialismo da Líbia!**